

Instituto para o Ensino Cristão
Departamento de Educação da Associação Geral da IASD

**O UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA E O CONFRONTO
CRIACIONISMO X EVOLUCIONISMO**

Por
Nahor Neves de Souza Junior
UNASP

**493-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

Preparado para o
29º Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Realizado no
Centro Universitário Adventista
Eng. Coelho, SP -- BRASIL

O UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA E O CONFRONTO CRIACIONISMO X EVOLUCIONISMO

Nahor N. Souza Jr.

Introdução

Não é tarefa difícil identificar o tema “A Controvérsia Criacionismo x Evolucionismo” como um dos mais importantes no programa curricular de nossas instituições educacionais. Fomos comissionados por Deus, logo no início do último Movimento Adventista, a apresentarmos ao mundo o urgente e solene convite para adorar o Criador, pois o grande julgamento já se iniciou. Este momento profético e histórico está revestido de uma importância tal que, no contexto do conflito cósmico entre o bem e o mal, preparou-se, cuidadosa e sincronicamente, uma tríplice contrafação de caráter social, religioso e “científico”: o comunismo materialista, o espiritismo moderno e o evolucionismo darwiniano.

Se, por um lado, verifica-se a impressionante afinidade entre os três elementos desta tríplice aliança, constata-se, ao mesmo tempo, o antagonismo bem definido entre os três movimentos e o criacionismo bíblico. Nas instituições de ensino secular (não confessional) em todos os níveis – do fundamental aos cursos de pós-graduação - e em todo o mundo, via de regra, pelo menos uma das três contrafações, a teoria evolucionista, encontra-se firmemente estabelecida. Considerando-se que o verdadeiro criacionismo fundamenta-se tanto no Livro dos livros – as Sagradas Escrituras – como no livro da natureza (evidências científicas de planejamento, de propósito e da Grande Catástrofe), poderíamos, de igual modo, afirmar que a estrutura conceitual criacionista encontra-se solidamente estabelecida em nossas instituições de ensino? Mais especificamente:

- Os professores de nossos colégios e faculdades encontram-se suficientemente qualificados para transmitir, com segurança, os princípios fundamentais do criacionismo bíblico?
- Nossos estudantes egressos estão preparados para enfrentar, nos níveis acadêmicos superiores, os sutis enganos do modelo evolucionista das origens?

1 - Aspectos Gerais

Procurar-se-á a seguir, na perspectiva do autor, cuja experiência universitária restringe-se aos últimos 27 anos, como estudante de graduação e pós-graduação, bem como na qualidade de docente, pesquisador e conferencista – 20 anos em instituições públicas (Petrobrás, UNESP e USP) e 7 anos em nossas instituições (UNASP, Campus I e II) –

analisar alguns aspectos da nossa realidade frente ao tema em questão. Podemos constatar alguns fatores preocupantes, todavia, verificamos também significativos avanços.

1.1 - Fatores Preocupantes

Alguns contatos com estudantes adventistas universitários de várias áreas, inclusive os de Biologia e Geologia, ao longo de quase três décadas, nos possibilitam concluir que:

- Praticamente todos não se encontravam devidamente treinados para defender, com argumentação científica, a posição criacionista.
- Alguns, provavelmente, desistiram do curso face ao despreparo para enfrentar o ambiente hostil, onde prevalece ostensivamente a estrutura conceitual evolucionista.
- Aqueles que perseveraram e concluíram sua graduação foram, na maioria dos casos, afetados em maior ou menor grau pela bem construída doutrina evolucionista.

A oportunidade de conhecer profissionais universitários e estudantes de pós-graduação, adventistas, especificamente nas áreas de Física, Geologia e Biologia, nos mostram que, com raras exceções, na vida destes profissionais:

- O criacionismo é aceito praticamente como um ato de fé. Nas respectivas áreas ou especialidades, a desejável associação entre ciência e religião parece não ocorrer.
- As pesquisas científicas desenvolvidas ao nível de mestrado, doutorado, livre-docência, etc. não proporcionam, aparentemente, algum tipo de contribuição aos modelos criacionistas.
- Conseqüentemente, estes mesmos profissionais têm sérias dificuldades de, pela própria experiência, divulgar o criacionismo com evidências bíblicas e científicas.

1.2 - Progressos Significativos

Seria injusto, entretanto, olvidarmos os avanços conquistados. Temos presenciado, com satisfação, um crescente interesse, no meio adventista, pelos temas envolvidos na controvérsia entre o criacionismo e o evolucionismo. Atualmente a igreja dispõe de um significativo acervo de literatura criacionista:

- Didáticos de ciências, destinadas às oito séries do ensino fundamental, livros nacionais e traduzidos, todos produzidos pela CPB;
- A Sociedade Criacionista Brasileira, disponibilizando continuamente farto material de excelente qualidade e promovendo encontros e simpósios;
- Anais dos Encontros Nacionais e Internacionais de Criacionistas
- O periódico “Diálogo Universitário”, que em todos os seus números apresenta um artigo de interesse ao criacionismo.
- Tradução de vídeos e outras produções literárias.

A partir de 1989, a igreja tem organizado, sistematicamente, encontros nacionais e internacionais de criacionistas, despertando assim o interesse dos membros pelos atraentes temas, onde a ciência e a religião se relacionam harmoniosamente. Um pequeno número de professores universitários de nossas instituições tem dedicado expressiva parcela de seu escasso tempo, objetivando a divulgação do criacionismo em encontros universitários, simpósios regionais e inclusive em eventos realizados em conceituadas universidades. Recentemente, em nosso próprio ambiente universitário, especificamente no Centro Universitário Adventista – UNASP, campus I e II, os alunos de todos os cursos superiores, pelo menos em um semestre, têm recebido informações criacionistas no contexto de disciplinas curriculares obrigatórias.

2 - O Universitário nas Instituições Não-Adventistas

Praticamente em todos os cursos de graduação oferecidos pelas melhores universidades do país, em algum momento a teoria geral da evolução é apresentada como uma verdade incontestável, via de regra, com uma didática extremamente convincente. O estudante adventista estaria então na obrigação de evitar estes cursos, especialmente os de Biologia e Geologia? A vocação profissional estaria em um plano secundário, face aos perigos do inevitável envolvimento com uma teoria muito bem elaborada que lança por terra o Deus Criador, Mantenedor e Redentor?

Respostas simples e definitivas, para todos os casos, certamente está além da esfera humana. Na realidade, vários fatores devem ser cuidadosamente analisados pelo estudante pré-universitário. Exceto aqueles de praxe – vocação, mercado de trabalho, nível do curso, etc – outros devem ser seriamente considerados: comprometimento pessoal com Cristo Jesus mediante uma comunhão sincera, desenvolvida diária e sistematicamente; sentido de missão (capacitação para melhor servir a Deus e a sociedade); conselhos de profissionais da área verdadeiramente cristãos; etc. A seguir, com base na experiência do próprio autor, apresentar-se-á algumas sugestões que poderão ser úteis ao jovem adventista que,

conscientemente, optou por cursar Geologia, Biologia, História, Filosofia ou outro curso dentre aqueles onde o evolucionismo é valorizado.

2.1 - Estudo Diário da palavra de Deus

O universitário necessita estudar diligentemente a Bíblia, com reverência e temor e , ao mesmo tempo, com a mesma dedicação e profundidade desenvolvida em uma pesquisa científica. Assim fazendo, seu intelecto se expandirá extraordinariamente e o seu potencial acadêmico será otimizado ao máximo.

O estudo paralelo, nos momentos de comunhão com Deus, de outros devocionais (Meditações Matinais, Lições da Escola Sabatina, livros do Espírito de Profecia, etc.) são extremamente importantes e edificantes, especialmente quando o estudante se propõe a fazer correlações entre os referidos textos. Este estudo dinâmico e diversificado, quando associado a alguma experiência vivenciada na rotina da vida, estimulará o jovem universitário a buscar novas informações na Bíblia e em outras fontes (Comentários Bíblicos, enciclopédias, etc.), ao se defrontar com o dever de preparar e apresentar assuntos (sermões, palestras, etc.) para o enriquecimento espiritual da igreja, em seus cultos e reuniões.

2.2 - Envolvimento com a Igreja Local

Os benefícios de tais procedimentos (comunhão com Deus), praticados com frequência, são incalculáveis. O tempo dispendido nestas atividades promoverá o equilíbrio em todos os aspectos e jamais será prejudicial ao bom desempenho acadêmico. Fica então claro, pelo exposto, a importância do universitário adventista estar efetivamente envolvido com as atividades da igreja local. O dinamismo, criatividade e espiritualidade de um jovem cristão, quando aplicados aos interesses de uma coletividade eclesial, produzem amplos e mútuos benefícios, bem como o capacita a enfrentar, com inteligência e firmeza, as terríveis tentações que possam induzi-lo: a transgredir o sábado; a envolver-se com drogas; a ser influenciado por falsos amigos; a transgredir o sétimo mandamento; etc.

2.3 - Na Universidade

Não aceitar ou apenas contestar o evolucionismo, por ser uma estrutura conceitual que ignora o Deus Bíblico, não satisfaz a mente inquiridora do estudante universitário. Rejeitar este modelo das origens, como resultado da identificação de sérias limitações e graves incongruências, não é o motivo suficiente, face a lógica e coerência do modelo, com

forte argumentação científica, como geralmente é apresentado. No ponto de vista deste autor, o fator de convencimento mais importante, no sentido acadêmico, consiste na existência de modelos alternativos (criacionistas) construídos com o maior rigor científico possível. Mas estes modelos alternativos existem? Felizmente sim, onde, porém, encontra-los? Na literatura disponibilizada pela igreja e mediante o material fornecido pelas sociedades criacionistas nacionais e estrangeiras. Assim, de posse desse importante material, o universitário adventista estará menos suscetível ao engano e será estimulado, intelectualmente, a prosseguir nos estudos mantendo íntegra a sua fé.

Entretanto, determinadas situações difíceis são enfrentadas: para alguns atraentes modelos evolucionistas não se encontra o equivalente criacionista; a pressão do grupo torna-se as vezes insuportável; nas avaliações espera-se, naturalmente, que as respostas sejam compatíveis com a matéria ministrada (evolucionismo); etc. A comunhão com Deus, nestas probantes ocasiões, é fundamental, pois ela promoverá a estabilidade emocional e o discernimento para as iniciativas ou decisões corretas.

Quando o conhecimento é transmitido ao estudante, este não precisa, necessariamente, aceitá-lo como verdade indiscutível; sem se manifestar oralmente, ele perceberá várias incoerências e poderá então fazer, mentalmente, questionamentos. Mesmo que as incoerências não sejam notadas, o universitário cristão deverá ainda efetuar suas indagações quando as idéias evolucionistas forem apresentadas como fatos cientificamente comprovados. O mesmo procedimento poderá ser adotado no momento de estudo e pesquisa dos livros. Cada parágrafo, frase ou afirmação devem ser analisados criteriosamente. Perceber-se-á que por trás da lógica evolucionista existe um bem elaborado processo de doutrinação, onde as incoerências, falácias e erros estão cuidadosamente camuflados. Existe um proposital objetivo de enganar? Não necessariamente. A aceitação dogmática do modelo ou a rejeição, *a priori*, de qualquer outro paradigma não evolucionista pode induzir, inconscientemente, o cientista a fazer afirmações não-científicas.

Por ocasião das avaliações – momentos difíceis, de tensão e até de descontrole emocional – o estudante adventista encontrará mais uma oportunidade para testemunhar. Devidamente preparado, no que concerne à matéria ministrada pelo professor evolucionista, não terá nada do que recear. Por outro lado, sua leitura sistemática de temas criacionistas, e o aprimoramento do assunto submetido a teste (na visão criacionista) possibilitará a realização de prova (ou questão) paralela com pontos de vista não evolucionistas. Certamente, o bom desempenho acadêmico e a vida coerente do universitário adventista promoverão respeito e admiração por parte dos colegas, alunos e professores.

2.4 - Por que o Evolucionismo Prevalece?

Pergunta semelhante pode ainda ser feita - por que o erro prevalece? No grande conflito entre o bem e o mal, ao longo da história, sempre existiu um remanescente (a minoria). Entretanto, estes poucos sempre se distinguiram notavelmente. Os estudantes e

cientistas criacionistas, muito embora constituam uma pequena minoria, podem e deverão fazer a diferença.

O grande inimigo da verdade, com sua inteligência, experiência e crueldade, procura a todo momento elaborar planos com o objetivo de enganar e “cegar” o ser humano, a fim de que este não veja as manifestações de amor, bondade e poder de Deus. Esta grande controvérsia entre Deus e Satanás pode ser identificada em dois textos bíblicos:

- *Isaiás 6:9 -...Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis e vedes, em verdade, mas não percebeis.*

As manifestações da misericórdia e do poder de Deus à nação israelita foram notáveis (milagres no Egito, providências sobrenaturais no deserto, vitórias inexplicáveis sobre os exércitos inimigos, etc). Entretanto, o povo via mas não percebia estes grandes feitos divinos, visto que a idolatria os cegava.

- *Atos 28:26 -...Vai a este povo e dize: de ouvido ouvireis, e de maneira nenhuma entenderéis; e, vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis.*

A mais grandiosa e clara manifestação de Deus ao homem, na pessoa de Jesus (inúmeros milagres e demonstrações genuínas do mais profundo amor), não foi identificada, agora pelo Israel do Novo Testamento. O exclusivismo e o legalismo cegaram os dirigentes do povo de Deus de tal forma que eles conheceram o Messias mas não O reconheceram.

Situação similar pode estar ocorrendo com o Israel Espiritual em nossos dias (Apoc. 3:17 e 18)? Esta questão necessita ser analisada, sincera e profundamente, por cada adventista. Por outro lado, sabemos que os engodos do arquinimigo não se restringem à esfera espiritual. Os enganos no grande conflito entre o bem e o mal revelam-se também no campo da ciência. Na verdade, a negação dos princípios do criacionismo, como verificamos atualmente, foi predita há quase dois mil anos (II Pedro 3 : 3 – 7). Assim, enquanto a Biologia ignora a semana da criação, a Geologia não reconhece a catástrofe descrita em Gênesis 7 e 8:

- *Mediante o estudo da natureza, somos compelidos a admitir a necessidade de um Grande Projetista, tal a complexidade da matéria e da vida, refletindo propósito e amor de uma Mente Superior. Infelizmente, um grande número de biólogos vê mas não percebe o poder criador de Deus, pois a teoria da evolução os cegou. Entretanto, as evidências do Criador são tão claras que a referida cegueira é injustificável (Romanos 1 : 20)*

- O grande cataclismo ou o dilúvio bíblico, com fortíssimas evidências estampadas nos extensos e espessos estratos sedimentares, bem como no correspondente conteúdo fossilífero, não é aceito pela grande maioria dos geólogos. Esta é a área do criacionismo que apresenta as mais sólidas evidências científicas. No entanto, o que é visto, por incrível que possa parecer, não é identificado, porque os longos períodos do evolucionismo cegaram os geocientistas. Como ignorar tantas evidências e a declaração confirmatória do próprio Jesus (S. Mateus 24 : 37 – 39)?

Na verdade, a controvérsia criacionismo x evolucionismo envolve aspectos outros e não apenas aqueles de natureza científica. Existe a possibilidade de o evolucionismo provocar miopia, ou mesmo a referida cegueira mental, de maneira inconsciente na vida do cientista. Não compete a nós, frágeis e limitados seres que somos, julgar as causas ou motivações que estimulam o cientista evolucionista a desenvolver suas atividades. Entretanto, para o pesquisador metuculoso e honesto, em determinado momento de sua experiência profissional, pode ocorrer a verificação das graves falhas do modelo evolucionista das origens e, ao mesmo tempo, um vislumbre da necessidade da existência de um Projetista ou Planejador do Universo e da vida (conceitos fundamentais do criacionismo bíblico). Nesse momento, infelizmente, a escolha consciente em permanecer fiel aos postulados evolucionistas pode ser motivada pelos seguintes fatores:

- Pressão do meio, tendo em vista a aceitação, praticamente unânime, do evolucionismo nas universidades e centros de pesquisa;
- A impossibilidade de publicar artigos, nos anais de eventos científicos e nas revistas técnicas mais conceituadas, com a visão criacionista;
- O risco de ficar à margem do processo normal de crescimento na carreira universitária e, conseqüentemente, jamais atingir a posição de cientista notável, o correspondente prestígio e a ambicionada fama. .
- A autêntica aceitação dos princípios do criacionismo implica ainda, necessariamente, na reavaliação dos valores, mudanças comportamentais e reconsideração dos objetivos e prioridades para a vida – desafios que muitos não desejam enfrentar.

Assim, a maioria dos cientistas, consciente ou inconscientemente, rejeita o criacionismo e o evolucionismo segue prevalecendo. Todavia, como cristãos cõscios de nossa missão maior -- revelarmos Jesus em nossa vida e reivindicarmos Seu caráter – não devemos nos deixar intimidar. Existe uma nobre tarefa a ser realizada e Deus conta conosco – que privilégio poder colaborar com Deus!

3 - O Universitário nas Instituições Adventistas

O tema “criacionismo x evolucionismo”, idealmente, deveria ser considerado como parte integrante do contexto mais amplo abrangido pela “ciência x religião”. O universitário adventista, naturalmente, encontra-se em uma situação privilegiada, no que diz respeito à religião. Nas instituições de ensino adventistas, o potencial para o crescimento no conhecimento teológico é muito grande (praticamente ilimitado), tendo em vista os significativos períodos de tempo, sistematicamente utilizados na comunhão pessoal, nos cultos e reuniões da igreja ou da instituição, nos congressos e em outros eventos promovidos pela organização local, regional e geral.

Quanto ao conhecimento no campo científico, as vantagens são relativas. Neste caso, o potencial para o crescimento é comparativamente menor, tanto em relação à religião (desenvolvida no Campus local) como no que diz respeito à ciência desenvolvida nas universidades públicas. Há, portanto, a necessidade de significativos incrementos nesta área, tanto ao nível de recursos humanos (professores e alunos efetivamente comprometidos com a pesquisa científica), bem como no que se refere à infra-estrutura.

As deficiências então mencionadas deverão ser, necessariamente, dirimidas. Além das ações de incremento já apontadas, o professor de ciência e religião terá um papel fundamental nesse processo, ao enfatizar de maneira adequada, em suas aulas, determinados aspectos de caráter científico. O estudante, por sua vez, poderá contribuir mediante o esforço pessoal (análise de bibliografia pertinente indicada pelo mesmo professor). Toda esta preocupação é facilmente justificada, pois o criacionismo jamais poderá ser desenvolvido, plenamente, sem o equilíbrio entre a correta interpretação bíblica e o efetivo envolvimento com a metodologia científica.

Assim sendo, os estudantes egressos de nossas instituições de ensino superior estarão aptos para defender e/ou divulgar o criacionismo na qualidade de professores ou mesmo como estudantes de pós-graduação. Esta habilitação confere, ainda, o privilégio de o jovem adventista envolver-se com um projeto de missão muito especial. A divulgação inteligente e sistemática do criacionismo constitui uma atividade pré-evangelizadora por excelência. A classe de pessoas mais intelectualizadas, ao serem inicialmente sensibilizadas pelo criacionismo, estarão mais suscetíveis a aceitar os demais aspectos doutrinários da igreja.

A seguir, com o intuito de oferecer alguma contribuição para uma efetiva integração entre a fé e o ensino superior, na disciplina Ciência e Religião, apresentamos um programa sugestivo. Este plano de curso deverá ser desenvolvido, preferencialmente, em dois semestres, com uma carga horária de três horas semanais. Se for destinado apenas um semestre, com a mesma carga horária, o que corresponde, em princípio, à metade do programa (6 capítulos) sugere-se os seguintes capítulos: I, V, VI, IX, X e XII. Idealmente, as aulas teóricas, sempre que possível, deverão ser complementadas com exposição de vídeos, atividades de laboratório e excursões ao campo, favorecendo preferencialmente as áreas de Astronomia, Geologia e Paleontologia.

I – A Controvérsia Criacionismo x Evolucionismo

Este primeiro capítulo, de caráter filosófico e conceitual, é fundamental para o desenvolvimento dos capítulos subsequentes. Considera-se os seguintes tópicos:

- Ciência e religião – O ponto de partida refere-se às definições de ciência e religião. Torna-se possível então caracterizar-se e exemplificar-se os possíveis confrontos envolvendo ciência e religião, em suas concepções verdadeiras e falsas, bem como as respectivas implicações. Verificar-se-á, finalmente, a necessidade de se definir algumas diretrizes importantes que deverão nortear o estudante, que busca o crescimento no conhecimento científico sem perder de vista o Deus Criador e Sua Palavra.
- Estruturas conceituais – No meio universitário é comum reportar-se ao evolucionismo naturalista como teoria científica comprovada e ao criacionismo bíblico como tema de caráter exclusivamente religioso. Ambos os conceitos são equivocados. Na realidade, os dois termos constituem estruturas conceituais ou paradigmas, dentre outros (evolucionismo panteísta, deísta, teísta; criacionismo progressivo, etc.). Constata-se, ainda, a nítida superioridade da estrutura conceitual criacionista (bíblica).
- Ensino e divulgação – Nas universidades do mundo inteiro prevalece a estrutura conceitual evolucionista. Evidentemente, não somente estas instituições, mas também os meios de comunicação em geral divulgam ostensivamente este modelo. Quando, esporadicamente, são produzidos e veiculados livros e didáticos criacionistas, as reações de desaprovção são imediatas e até agressivas. A experiência tem nos mostrado as vantagens de discordar dos evolucionistas com elegância e respeito, evitando-se, ao mesmo tempo, frases irônicas que podem resultar em confrontos indesejáveis e nada proveitosos.

II – A Origem do Universo

Os três próximos capítulos (II, III e IV) apresentam, do geral ao particular, respectivamente nas áreas da Astronomia, Geologia e Biologia, as evidências bíblicas e científicas de planejamento e propósito. No presente capítulo, os seguintes aspectos são enfatizados:

- Cosmologia x Cosmogonia – Esse item trata da importância de se distinguir, na astronomia, aquilo que é visto e mensurável (cosmologia), daquilo que constitui apenas idéias quanto as origens deste ou daquele sistema ou mesmo do próprio universo (cosmogonia).

- As leis da termodinâmica – Ênfase para a segunda lei que procura medir o nível da desordem no universo (entropia). Verifica-se que esta lei, em vigor, caracteriza a tendência generalizada de desordem crescente (aumento da entropia). A Segunda Lei da termodinâmica contradiz, frontalmente, a possibilidade do aumento casual de complexidade preconizado pelo evolucionismo. Por outro lado, os criacionistas admitem a existência, antes do pecado, de mecanismos reparadores ou compensatórios que teriam anulado os efeitos degenerativos desta lei.
- O sistema solar – Apresenta-se, como introdução, a grandiosidade do universo e a escala mais apropriada para conhecê-lo, ou seja, ao nível de um sistema solar, uma das unidades fundamentais do universo. Evidentemente que, dentre as inumeráveis estrelas do vasto espaço cósmico, a estrela mais conhecida, de onde se extraiu a maior quantidade de informações, refere-se a estrela de nosso sistema solar. Verificam-se, em nosso sistema planetário, regularidades (evidências de planejamento) e algumas irregularidades (teria ocorrido alguma catástrofe no sistema solar, asteróides impactantes?). A análise simples e comparativa dos planetas aponta para as vantajosas singularidades do planeta Terra (os períodos de rotação e translação, a distância do sol, a inclinação do eixo, a composição da atmosfera, etc.)

III - O planeta Terra

As características únicas da Terra, relativamente aos demais planetas do sistema solar, não podem ser simples produto do acaso, pelos motivos expostos a seguir:

- Um planeta adequado à vida – todas as referidas singularidades se harmonizam, no sentido de propiciar ambientes notavelmente favoráveis à vida. A água, com suas peculiaridades (solvente universal, valores relativamente altos para o Calor Específico e o Calor Latente, etc.), é fundamental à vida e ocorre abundantemente na superfície da Terra.
- No princípio criou Deus os Céus e a Terra, Gên. 1:1 – Uma declaração simples e objetiva, mas repleta de significado. O texto não nos permite concluir se Deus criou a Terra em duas etapas – a Terra “sem forma e vazia” antes da semana da criação (1ª etapa), e a organização da crosta, a criação da atmosfera, hidrosfera e biosfera na própria semana da criação (2ª etapa) – ou, se a atividade criadora de Deus restringiu-se exclusivamente à primeira semana de Gênesis 1 (criação da Terra em uma única etapa)

- As sete etapas da história geológica da Terra – Apenas com base no texto bíblico é possível dividir toda a história da Terra (passado, presente e futuro) em etapas, cada uma das quais com diferente significado geológico.

IV – Evidências da Intervenção Informada

A grande diversidade de seres vivos, perfeitamente adaptados aos seus respectivos ambientes ecológicos, não pode ser explicada como o resultado final de prolongados períodos de tempo, durante os quais ocorreram mudanças graduais (ou aos saltos) dos seres por inúmeras e sucessivas mutações, selecionadas naturalmente para produzir, sucessiva e fortuitamente, seres cada vez mais complexos.

- A origem da vida e os “complexos irreduzíveis” – Muito embora a impossibilidade da geração espontânea da vida tenha sido verificada cientificamente, no século XIX, alguns cientistas ousam assegurar sua possibilidade em local extraterrestre (por exemplo no planeta Marte). A complexidade da vida é tão extraordinária, desde a mais simples célula até o fantástico cérebro humano, que seria impossível justificá-la valendo-se dos presumíveis processos evolutivos.
- Órgãos vestigiais – São considerados, pelo evolucionismo, como sendo estruturas que perderam sua utilidade em determinada espécie, mas que estão ainda presentes como resíduos ou vestígios das mesmas estruturas, então funcionais, nos seus ancestrais (por exemplo, no ser humano, o apêndice cecal, o 3º molar, o canino pontiagudo, etc.). Na realidade, os referidos órgãos (a lista já foi bem maior) são assim classificados porque se tem conhecimentos incompletos a seu respeito, ou ainda podem representar o resultado de processos degenerativos.
- A embriologia comparada, as homologias e as analogias – semelhanças embriológicas dos seres vivos representam, mais satisfatoriamente, as digitais de um Planejador inteligente do que fatores que possam reforçar as idéias sobre a evolução. Da mesma forma, as semelhanças na arquitetura básica, ou as homologias (patas de um réptil, asas de uma ave, braço do homem, etc.), bem como os órgãos análogos, que refletem semelhanças funcionais (asas do morcego e das aves), testificam a sabedoria do Grande Projetista, ao construir mecanismos semelhantes ou comuns para a grande diversidade de seres criados.

V – O Registro Fóssil

Os próximos seis capítulos estão intimamente vinculados à Geologia e à Paleontologia. É exatamente nestas áreas do conhecimento humano, que encontram-se as mais fortes evidências em favor do criacionismo. Os fósseis, considerados no presente capítulo, estão abundantemente distribuídos, nas extensas camadas sedimentares, em toda a superfície da Terra. É possível construir-se um modelo que explique, satisfatoriamente, a causa básica da morte e soterramento de imensas quantidades de plantas e animais, hoje fossilizados?

- “Árvores Filogenéticas” e os fósseis gigantes – A análise do registro fóssil, muito embora revele um relativo ordenamento dos seres, não permite a construção da grande árvore filogenética, visto que não se verifica a presença dos tão almejados (pelo evolucionismo) seres de transição. A presença marcante de fósseis gigantes, relativamente aos correspondentes modernos, parece sugerir um ambiente ecológico pré-diluviano muito mais favorável à vida.
- Micro, macro e megaevolução – verifica-se que as “microevoluções” (mudanças também aceitas pelo criacionismo) nunca produzem seres mais complexos. Esta realidade, somada à referida ausência de elos intermediários, resulta na impossibilidade de a macro e a megaevolução terem ocorrido no passado, mesmo que se disponha de um tempo infinitamente superior àquele requerido pela estrutura conceitual evolucionista.
- Extinção em massa – As extinções em massa de grupos de plantas e animais, associados a eventos catastróficos, refletem na verdade episódios de um único cataclismo – o dilúvio bíblico – que provocou, em um curto espaço de tempo, o desaparecimento abrupto – o grande soterramento em massa – de extraordinários volumes de animais e plantas.

VI - Fenômenos Geológicos Globais

Evidências de determinados eventos geológicos podem ser detectadas em toda a superfície da Terra. Além de abrangentes, estes fenômenos desenvolveram-se rapidamente e de maneira interligada durante o ano do dilúvio:

- Impactos de meteoritos e a Tectônica de placas – Em um passado recente, uma gigantesca “chuva de asteróides” atingiu todo o Sistema Solar, inclusive a Terra. Estes bólidos impactantes, ao mesmo tempo que devastaram imensas áreas, desencadearam outros fenômenos igualmente globais, com destaque para a fragmentação e a rápida separação das partes (placas) do megacontinente Pangea (tectônica de placas).

- Vulcanismo basáltico fissural – Os referidos impactos ao atingirem as profundezas da crosta, teriam liberado colossais volumes de magma basáltico (centenas de milhares de Km^3) que se espalharam pela superfície continental das placas tectônicas. Estas, por sua vez, ao se separarem, possibilitaram a liberação de quantidades ainda maiores de magma, agora em ambiente submarino, formando assim as vastas porções litosféricas das áreas oceânicas.
- Rochas Sedimentares: extensão e natureza dos contatos – Os estratos sedimentares do registro geológico, especialmente os do “Paleozóico” e “Mesozóico”, via de regra, são extraordinariamente extensos, alguns ultrapassando um milhão de Km^2 . Nota-se, ainda, que os contatos plano-paralelos, entre as mesmas camadas, não apresentam evidências de exposição prolongada. Portanto, as deposições foram catastróficas (vastias áreas), rápidas e sucessivas.

VII – Duração dos Processos Geológicos

Os longos intervalos de tempo entre os eventos catastróficos (neocatastrofismo), defendidos por aqueles que desejam legitimar possíveis mudanças cíclicas, deveriam estar nitidamente patenteados nos pretendidos hiatos interestratos. O que se observa, todavia, é exatamente o oposto: as prolongadas lacunas de tempo, ou estão misteriosamente ocultas, ou simplesmente não existiram. Na verdade, a geologia histórica identifica-se muito melhor com os grandes desastres naturais, que se desenvolvem muito rapidamente, do que com os processos geológicos ordinários (não catastróficos):

- Taxas de erosão e sedimentação – As taxas atuais, por um lado, parecem exageradas, quando comparadas aos depósitos Fanerozóicos e os respectivos períodos prolongados de tempo segundo a Geologia Convencional, o que indica que estes pretendidos períodos estariam extremamente majorados. Por outro lado, as referidas taxas se mostram excessivamente lentas, quando confrontadas com as evidências de campo, o que implicaria que as velocidades de erosão e sedimentação, durante o “Fanerozóico” (dilúvio), teriam sido muito mais elevadas do que aquelas verificadas presentemente.
- Florestas petrificadas – origem autóctone ou alóctone – Evidências de campo (troncos verticais atravessando vários níveis de “florestas”, presença de raízes abruptamente quebradas, etc.); resultados de experimentos laboratoriais (flutuação de troncos na posição vertical) e análise de processo catastrófico recente – remoção e deposição de troncos no lago “Spirit”, por ocasião da explosão do monte St. Helens (Washington, 1980) – demonstram, irrefutavelmente, uma origem alóctone (transporte e deposição de grandes massas de vegetação, por ação catastrófica da água).

- A Glaciação “Pleistocênica” – A ação intensa de fenômenos vulcânicos explosivos, e o conseqüente lançamento para a atmosfera de grandes quantidades de cinzas vulcânicas, pode ter obliterado a luz do Sol, durante o tempo suficiente, logo após o dilúvio, para promover sucessivos verões frios e invernos extremamente rigorosos, iniciando assim “a grande era glacial”.

VIII – Qual é a idade da Terra?

Esta parece ser uma questão ainda não resolvida. Os métodos disponíveis não são suficientemente precisos. A Terra, no seu aspecto físico ou inorgânico, tanto pode ser antiga como recente:

- Datação radiométrica -- Com base nos valores de “meia-vida” e admitindo-se como constante a taxa de desintegração de determinados elementos radioativos, calcula-se a idade da Terra. Este método apresenta erros e incoerências. Alguns consideram os erros como sendo insignificantes, valorizando assim o método. Quando aplicado ao “Pré-Cambriano”, os valores altos (Terra antiga) não seriam incoerentes com o modelo criacionista, que admite a possibilidade de a Terra ter sido criada em duas etapas.
- Decaimento do campo magnético da Terra – a exaustão (exponencial) do campo magnético da Terra tem sido verificada por vários cientistas. Os cálculos possibilitaram ainda uma projeção para o passado, bem como uma estimativa do tempo necessário para o total esgotamento desse importante campo de força de nosso planeta. Considera-se também, neste modelo, que durante e logo após o dilúvio houve uma expressiva perda de energia magnética. Admitindo-se, ainda, que a idade do referido campo magnético seja equivalente à idade da própria Terra, nosso planeta teria sido criado em uma etapa única há, aproximadamente, 6000 anos.
- Os rádio-halos de Polônio – Os halos radioativos constituem microscópicas feições, encontradas em rochas graníticas Pré-Cambrianas, cujo centro é composto por fragmento radioativo. Determinados rádio-halos são constituídos exclusivamente de Polônio-218 (“meia-vida” de três minutos), o Urânio está ausente. Se os halos de Polônio forem primários, o granito hospedeiro foi formado à baixa temperatura e de maneira praticamente instantânea. Assim, os granitos (embasamento cristalino) teriam sido criados por Deus, no primeiro instante do dia primeiro (Semana da Criação) a cerca de 6000 anos atrás, o que corresponderia a idade da própria Terra.

IX – A Coluna Geológica

A partir das informações então obtidas nos capítulos anteriores, será construída uma coluna geológica contendo o maior número possível de dados geológicos e paleontológicos compatíveis, interligados e coerentemente ajustados a um modelo geocronológico:

- Modelos geocronológicos – Na referida coluna, procura-se destacar o “Fanerozóico”, especialmente o período entre o “Cambriano” e o “Terciário”, onde as camadas sedimentares apresentam conteúdo fossilífero significativo. Este período corresponde ao dilúvio bíblico. Tendo em vista a subjetividade da datação radiométrica, quando aplicada ao Fanerozóico, adota-se a cronologia bíblica (Gen. 7 e 8) que é perfeitamente compatível com a realidade dos fatos – evidências de ação geológica rápida e catastrófica envolvendo fenômenos globais e interligados.
- A ordem dos fósseis – Tendo em vista a impossibilidade de se reconstituir a suposta “grande árvore evolutiva dos seres”, a relativa organização dos fósseis na coluna geológica, ao invés de representar possíveis etapas evolutivas, pode perfeitamente ser o resultado da ação isolada ou simultânea dos seguintes fatores:
 - Zoneamento paleoecológico – Modelo que propõe uma distribuição ecológica dos organismos, pré-catástrofe, semelhante à disposição dos fósseis no registro geológico.
 - Mobilidade – Segundo esta hipótese, a seqüência dos fósseis mostra uma verdadeira luta pela sobrevivência. Os mais aptos (maior capacidade para locomover-se) sobreviveram ou foram os últimos a morrer, para em seguida serem soterrados nos estratos mais superficiais.
 - Flutuabilidade – Refletiria a capacidade de flutuação após a morte. Experimentos indicam que as aves flutuam em média 76 dias, os mamíferos 56 dias, os répteis 32 dias e os anfíbios 5 dias.
- Catastrofismo x Atualismo – O atualismo, em sua concepção original (defendido por Charles Lyell), não mais é aceito pela geologia convencional. Este modelo, que imperou por mais de cem anos, negava qualquer possibilidade de ação geológica catastrófica. Hoje, por força das evidências, eventos geológicos rápidos e violentos são abertamente defendidos.

X – Paleoantropologia

Caracteriza-se como uma das áreas da ciência onde as especulações e contradições são mais freqüentes. O modelo evolutivo do homem é tão precário, que cada nova descoberta provoca a necessidade de reestruturação na disposição dos vários elementos, da frágil “árvore evolutiva” correspondente.

- A interpretação evolucionista – Cada dia que passa, as novas descobertas desmistificam a suposta seqüência vertical evolutiva do homem. Na realidade, nota-se, com evidências crescentes, que a distribuição destes seres primitivos é horizontal ou geográfica -- todos eles foram contemporâneos.
- A idade das cavernas – A análise de taxas de crescimento de espeleotemas, em determinadas cavernas, demonstra a rapidez com que se desenvolvem. As grandes cavernas, como as conhecemos hoje, foram habitadas por humanos primitivos no passado. Considerando-se que estas cavidades, em regiões calcárias, formaram-se de maneira relativamente rápida (dezenas a centenas de anos) há poucos milhares de anos, os referidos seres não podem ser mais antigos que suas próprias moradias.
- Hipótese criacionista – Os humanos primitivos estudados pelos antropólogos são, na verdade, seres pós-diluvianos provavelmente marginalizados e destinados a lutar pela sobrevivência, sob condições extremamente precárias, conseqüentemente, se degeneraram física e mentalmente. Habitavam em cavernas (Jô 30:3-8) em determinadas regiões da África e Ásia, enquanto no Oriente Médio desenvolviam-se, simultaneamente, as grandes civilizações antigas, cujos representantes humanos foram os gigantes do passado (Deut. 3:11).

XI – Implicações Sociológicas do Evolucionismo

O denominado “darwinismo social” pode ser perfeitamente identificado ao longo dos últimos 150 anos. Destacam-se os seguintes exemplos:

- A eugenia e a política racial nazista – A triste associação entre racismo e evolucionismo e o conseqüente nazismo, infelizmente, já faz parte da história, ocasião (II Grande Guerra) em que milhões de judeus foram brutalmente eliminados.
- O darwinismo do século XIX e o genocídio da Tasmânia – A destruição completa e definitiva de uma raça humana, praticada com requintes de crueldade por colonizadores “mais evoluídos”.
- Ota Benga, um pigmeu em exposição num Zoológico – A trágica história de um jovem africano tratado, literalmente, como parente próximo dos símios, sendo então colocado em uma jaula em companhia de um orangotango.

XII - Movimentos Concorrentes do Século XIX

Verifica-se, na história do século XIX, no final do grande período profético de Daniel 8:14, época do surgimento do Movimento Adventista do qual fazemos parte, o impressionante sincronismo entre o desenvolvimento deste movimento e outros movimentos antagônicos, destacando-se a já mencionada triplíce Aliança (Comunismo Materialista, Espiritismo Moderno e Evolucionismo Darwinista). Este assunto deve ser estudado detalhadamente, a fim de que sejamos mais objetivos e operantes na nobre e solene missão que Deus nos conferiu – *“Portanto ide, ensinai todas as nações...”*, S. Mateus 28:19 – essa incumbência certamente inclui a divulgação do Criacionismo.

Considerações Finais: Integrando Ciência, fé, Ensino e Aprendizagem

Nesse processo, os fatores filosóficos e pedagógicos são muito importantes. Entretanto, no ponto de vista do autor, o envolvimento pessoal e diário com Deus (religião bíblica) e com a metodologia científica (ciência natural), constituem a base para a efetiva integração, muito embora, na área de ciências humanas a integração dos quatro fatores, provavelmente, ocorra mais naturalmente.

Pelo fato de estar diretamente envolvido com a geologia padrão, desde a graduação, onde o evolucionismo permeia todas as matérias, o autor necessariamente buscou, em outras fontes de informação, a conciliação entre a ciência e a fé quando ainda estudante. Os poucos modelos criacionistas disponíveis, na área de Geologia, foram importantes mas não o suficiente para evitar uma acentuada desmotivação para com o curso. Hoje, a situação já é bem mais vantajosa para o estudante adventista, no que diz respeito à disponibilidade de textos geológicos com a visão criacionista.

A constante busca pelo crescimento, na ciência e na religião, idealmente, deve continuar ao longo da vida profissional. O autor experimentou a agradável surpresa de encontrar, naturalmente, interessantes evidências do grande cataclismo de Gênesis 7 e 8, ao estudar em nível de pós-graduação(USP), durante 12 anos, as rochas basálticas- produto do vulcanismo basáltico fissural, que alterou praticamente metade da superfície da Terra.

A integração ciência, religião, ensino e aprendizagem têm sido efetivamente vivenciada pelo autor, nos últimos 7 anos, ao atuar como professor das disciplinas Geologia (cursos de Biologia e Engenharia Civil) e Ciência x Religião (vários cursos, nas áreas de exatas, biológicas e humanas), no Centro Universitário Adventista – UNASP. Tem sido um grande desafio ministrar Ciência e Religião, com ênfase na controvérsia Criacionismo x Evolucionismo, para diferentes áreas. O desejo deste autor é adaptar, na medida do possível, este vasto tema às peculiaridades de cada área.

Na verdade, a perfeita integração entre ciência, fé, ensino e aprendizagem somente se concretizará na presença do Criador do Universo, do Salvador e do Grande Mestre – nosso Senhor Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA CRIACIONISTA BÁSICA

- ANAIS (1996) – *Uma Cosmovisão do Confronto Criacionismo X Evolucionismo*. 2º Encontro Nacional de Criacionistas. São Paulo: IAE – Campus I. (21 a 28 de Janeiro).
- ANAIS (1997) – *El Gran Interrogante: Los Origenes*. Compilación de Exposiciones y Ponencias. Primeiras Jornadas Iberoamericanas de Creacionismo. Argentina: Universidad Adventista Del Plata. (9 al 13 de Febrero).
- ANAIS (1998) – *Fundamentos do Criacionismo*. Curso de Verão, Coord. Nahor N. Souza Jr. São Paulo: IAE. 83p.
- ANAIS (1999) - I Encontro Internacional de Criacionistas e III Encontro Nacional de Criacionistas. São Paulo: IAE – Campus I. (21 a 24 de Janeiro)
- ANAIS (1989) – *Seminários Sobre Criacionismo*. São Paulo: IAE – Campus I. (27 de Setembro a 02 de Outubro).
- ANGELIS, F. (1998) – *A Origem da Vida*. São Paulo: Ed. UNISA. 93p.
- ARAÚJO, G. P. (1990) – *Conceitos de Evolucionismo e Criacionismo* – 1ª edição – São Paulo: Colorcrom Artes Gráficas. 28p.
- AZEVEDO, R. C. (1999) – *A Origem Superior das Espécies: Nova Teoria*. – 2ª edição – São Paulo: EDUNA. 129p.
- BAERG, H. J. (1992) – *O Mundo Já Foi Melhor*. – 1ª edição – São Paulo: CPB. 160p.
- BALDWIN, J. T., editor, (2000) – *Creation, Catastrophe, and Calvary*. Review and Herald. 219p.
- BEHE, M. (1997) – *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BORGES, M. (1999) – *A História da Vida*. – 1ª edição – São Paulo: CPB. 224p.
- BRAND, L. (2001) – *Fe y Razón en la Historia de la Tierra*.- Ediciones Theologica, Universidad Peruana Unión, 390p.
- CIENCIA de los ORÍGENES (1982 – 2001) – Geoscience Research Institute, Loma Linda – CA, USA.
- COFFIN, H. G. (1993) – *Aventuras da Criação*. – 1ª edição – São Paulo: CPB. 151p.
- COFFIN, H. (1983) – *Origin by Design*. U.S.A.: Review and Herald Publishing Association. 494p.

- EBLING, N.; MATOS, A. A. (1997) – *Ciências 1, 2, 3 e 4*. – 1ª edição – São Paulo: CPB.
- FOLHA CRIACIONISTA (1972 - 2002) – Sociedade Criacionista Brasileira, Brasília – DF
- GENTRY, R. V. (1988) – *Creation's Tiny Mystery*. – 2ª edição – U.S.A. Earth Science Associates. 348p.
- HOOYKAAS, R. (1988) – *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 196p.
- MARCO, N. (1987) – *O que é Darwinismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 89p.
- MARSH, F. L. (1952) – *Estudos sobre Criacionismo*. São Paulo: CPB. 378p.
- MARSH, F. L. (1970) – *Evolução ou Criação Especial*. – 1ª edição – São Paulo: CPB. 64p.
- MATOS, A. A.; EBLING, N. E. S. (1994 - 2001) – *Ciências e Programa de Saúde – 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. – São Paulo: CPB.
- MORRIS, H. M. (1984) – *Criação ou Evolução – 3ª edição* – São Paulo: Ed. Fiel. 119p.
- MORRIS, H. M. (1974) – *O Enigma das Origens – A Resposta*. São Paulo: Ed. Origens. 265p.
- NICHOL, F. D. (1974) – *Deus e Evolução*. – 1ª edição – São Paulo: CPB. 73p.
- RITTER, O. R. (1977) – *Estudos em Ciência e Religião – 1ª parte*. São Paulo: IAE. 191p.
- RITTER, O. R. (1978) – *Estudos em Ciência e Religião – 2ª parte*. São Paulo: IAE. 192-408p.
- ROTH, A. A. (2001) – *Origens: Relacionando a Ciência com a Bíblia*. – 1ª edição, CPB – Tatuí, S. Paulo, 384p.
- SOUZA JR, N. N. (2002) – *Uma Breve História da Terra – texto guia para apreciação de uma coluna geológica – 1ª edição* – UNASP - Campus 1, S. Paulo, 156p.
- THEOLOGIKA (1994) – Simposio Creacionismo, Facultad de Teologia, Universidad Union Incaica
- WEBSTER JR., C. L. (1999) – *A Perspectiva de um Cientista sobre a Criação e o Dilúvio*. São Paulo: EDUNA. 31p.
- WHEELER R., COFFIN H. G. (1992) – *Os Dinossauros*. 1ª edição, CPB – Tatuí, S. Paulo
- WHITCOMB, J. C. (1992) – *A Terra... de Onde Veio?* – 1ª edição – São Paulo: Ed. Fiel. 176p.